

VIOLÊNCIA / Polícia trabalha com a hipótese de que Jaider de Santana, 47 anos, havia planejado matar Lucas Rodrigues, 29, no domingo. Vítima foi atingida com um golpe fatal no coração. Ontem, amigos e familiares se despediram do personal trainer

Um crime premeditado

Luciana Duarte/CB/DA Press



Sepultamento de Leandro Rodrigues Silva acorreu no Cemitério Campo da Esperança de Taguatinga, ontem. Familiares e amigos estão revoltados

AJustiça do Distrito Federal determinou a prisão preventiva de Jaider de Santana Amaral, 47 anos, detido em flagrante após esfaquear no coração o personal trainer Lucas Rodrigues Silva, 29, na madrugada de domingo. O crime, que aconteceu na QNL 7, em Taguatinga, chocou o Distrito Federal. O acusado está hospitalizado em uma unidade pública de Ceilândia sob escolta, depois de ser ferido no momento do crime que matou Lucas. Logo que receber alta médica, o autor deve ser levado para a carceragem.

O delegado Mauro Aguiar, da 17ª Delegacia de Polícia (Taguatinga), responsável pelo caso, afirma que uma das hipóteses a serem trabalhadas é de que o crime tenha sido premeditado. Os próximos passos da apuração passam pelo depoimento das testemunhas, para confirmar se o assassinato foi ou não planejado. "Vamos ouvir os relatos para conseguir elucidar as informações das investigações", explica.

Jaider e Lucas, segundo as investigações e depoimento de testemunhas, se desentenderam uma vez, em janeiro deste ano. O acusado teria se incomodado com barulhos vindos da casa do personal trainer, jogando duas pedras no telhado dele para chamar atenção e provocar a vítima, que acabou discutindo com o acusado. Entretanto, durante os últimos oito meses, nenhuma outra discussão foi mencionada, tanto por familiares quanto pela polícia. "Jaider pode pegar de 8 a 30 anos de prisão (por homicídio) pela qualificadora de crime por motivo fútil. Mas, caso seja constatada a premeditação no crime, a pena pode aumentar", diz o delegado.

Briga

O **Correio** esteve no local do crime e conversou com moradores da região. Duas vizinhas, que não quiseram se identificar por segurança e medo de retaliação, ficaram muito abaladas. Elas relataram que Jaider apresentava

comportamento estranho, agitando e andando de um lado para o outro, aparentemente, carregando uma faca na cintura.

As temem sair de casa, uma vez que a tragédia chocou toda a quadra. "A angústia de ver o homem (Lucas) no chão me deixou muito apavorada", conta um das vizinhas. Horas antes do assassinato, elas lembraram que Jaider estava seguindo a vítima e a namorada, Beatriz Lopes.

As **Correio**, a sogra de Lucas, Sílvia Helena, 53, assegura que na residência não havia nenhum indício de festa ou evento com volume de som alto, como alegou Jaider. Ela cita que o acusado tinha a mania de observar a família desde a última discussão, mesmo que de longe.

No dia da tragédia, a sogra afirma que, por diversas vezes,

tanto ela quanto Lucas notaram que estavam sendo seguidos e vigiados por Jaider, que foi visto por moradores da região com as facas usadas no crime. "Ele ficava toda hora aqui fora. Saia, olhava para um canto e outro. Achamos isso muito estranho. Até que a minha filha saiu para comprar um refrigerante, e ele foi atrás, só que o Lucas percebeu, então, o cara (Jaider) acabou voltando pra casa", detalha.

Lucas foi assassinado depois de chegar de um jantar com a namorada, o cunhado e a irmã dela. Jaider estava armado com um facão e partiu para cima de Beatriz. O personal trainer e o cunhado bateram na mão do agressor, com pedaços de pau, que soltou a arma. Lucas conseguiu imobilizar Jaider, mas o criminoso sacou outra faca e atingiu o coração da

vítima. Antes que ele desse mais punhaladas em Lucas, o cunhado de Beatriz, com pauladas, desarmou novamente o homicida.

Enterro

Lucas foi sepultado, ontem, às 12h30, no cemitério de Taguatinga. Familiares e amigos usavam camisetas para homenagear o personal trainer. Indignado com a morte violenta e prematura do amigo, Júlio César, 29, contou que se conheciam desde o colégio e que Lucas só levava alegria por onde passava. "Nós fizemos ensino médio juntos. Ele sempre foi uma pessoa feliz, engraçada que se dava bem com todo mundo. Não tem como se conformar com uma crueldade dessas", lamentou o nutricionista.

"A dor que estou sentindo é imensa. Não tem explicação

para uma pessoa fazer o que esse homem fez com meu filho", lamenta Geraldo Silva, 60, pai de Lucas. Ele descreve o filho como uma pessoa tranquila, com muitos amigos, que não se envolvia em brigas ou nenhum tipo de discórdia. "Ele trabalhava, saia com os amigos e a namorada. Tem um filho de três anos que amava muito. Era um rapaz do bem", completa o pai.

A família do rapaz se sente insegura com a possibilidade de Jaider ser solto. "Não tem como se sentir seguro, não sabemos do que uma pessoa dessas é capaz. O Lucas já tinha feito uma ocorrência contra ele e, mesmo assim, ele matou meu filho", protesta Geraldo.

***Estagiários sob a supervisão de Guilherme Marinho**

Assassino de empresário na cadeia



Preso o suspeito de latrocínio em que morreu o dono do Silvio's bar

A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) segue no encalço para capturar outros três envolvidos no assassinato do empresário Silvio Ronaldo, 57 anos, vítima de latrocínio (roubo seguido de morte) no final de agosto. Um dos suspeitos, que não teve a identidade revelada, foi preso por agentes da 35ª Delegacia de Polícia (Sobradinho 2).

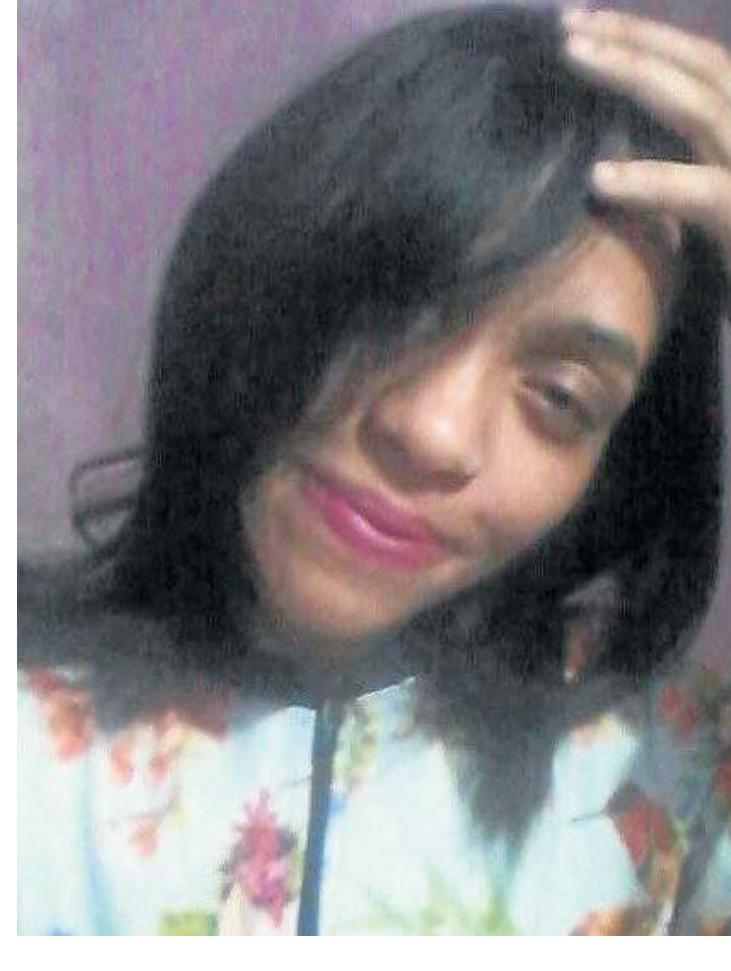
O acusado acumula uma extensa ficha criminal por crimes semelhantes, segundo o delegado-chefe da 35ª DP, Laércio de Carvalho. Silvio era proprietário do Silvio's Bar e Restaurante, na 114 Norte e, na manhã de 30 de agosto, ele saiu de casa, em Sobradinho 2, para caminhar, momento em que foi rendido pelos assassinos e baleado.

Segundo as investigações, o empresário chegou a dar o dinheiro exigido pelos criminosos, mas, mesmo assim, foi atacado. Baleada, a vítima subiu as escadas do prédio e tentou se trancar no quarto, mas os assassinos o perseguiram e atiraram contra a porta do cômodo.

Ao longo das investigações, policiais civis colheram imagens das câmeras do circuito interno de segurança que mostraram um dos criminosos em um Peugeot preto poucos minutos após o assassinato. Quatro pessoas foram identificadas. Uma está presa. O mesmo veículo utilizado pelo grupo foi abandonado e localizado posteriormente pela Polícia Civil às margens da BR-020, próximo ao Condomínio Império dos Nobres. A polícia apreendeu três celulares pertencentes aos suspeitos. (DD)

Raptora tem passado ligado ao PCC

Redes sociais



Natália foi presa e responde por subtração de incapaz

A mulher presa por raptar uma bebê de 7 meses em Santa Maria coordenava uma das alas femininas da facção paulista Primeiro Comando da Capital (PCC) e atuava nos crimes de estelionato no Distrito Federal. Natália Santos Souza, 26 anos, foi alvo da operação Guardiã 61, desencadeada em 2020 pelo Departamento de Combate à Corrupção e ao Crime Organizado (Decor) e foi denunciada pelo Ministério Público (MPDF) à época.

Segundo a delegada-chefe da 33ª Delegacia de Polícia (Santa Maria), Cláudia Alcântara, Natália responderá por subtração de incapaz. "Ela acumula inúmeras passagens por roubos e furtos diversos." Ela aguarda pela audiência de custódia, que deve ocorrer hoje. A mulher mora no mesmo lote com a amiga e mãe da criança, Camila Alves Santos, 24, em Santa Maria. Na sexta-feira pela manhã, ela pediu à colega para ir com a bebê a uma loja de celulares, no Novo Gama (GO), mas não retornou. Desesperada, Camila pediu ajuda nas redes sociais para localizar o paradeiro da filha Gabrielly Alves dos Santos.

Uma testemunha, moradora do Jardim Ingá (GO), contou à reportagem que, na noite de sexta-feira, Natália bateu no portão da casa dela e pediu por mantimentos, mamadeira e roupas. "Na sexta, no sábado e no domingo, ela passou lá em casa, sempre no período da tarde. Ela pediu comida,

leite para a criança e ajudamos todos esses dias, mas sem saber de nada." A moradora chegou a questioná-la se ela seria mãe da criança. "A todo momento, ela disse que estava sendo dada como sequestradora e que era melhor entregar a bebê para a mãe." Aparentemente, Natália não esboçou

reação quando instruída a devolver a criança e aceitou que telefonasse para a mãe.

Em entrevista exclusiva ao **Correio**, Natália não soube explicar o porquê de pegar a criança. "Eu ia entregar ela hoje (segunda). Não ia fugir", afirmou. A suspeita contou que caminhou por quase três horas até chegar no município do Entorno e dormiu por três dias debaixo de árvores. No entanto, negou maus-tratos à bebê. "Eu dei leite, troquei fralda e embrulhei. Jamais iria fazer mal à ela", se defendeu.

Facção

Processos obtidos pelo **Correio** deta- lham a denúncia do MPDF feita contra Natália em 2020. À época, a operação Guardiã 61 cumpriu 14 mandados de prisão preventiva e 10 de busca e apreensão contra a célula criminosa que tentava se instalar na capital. Entre os alvos estava Natália, que foi dada como foragida.

Aligação da suspeita com o PCC era praticamente evidente. Em diálogos interceptados pela polícia, ela teria dito "advertida" pela facção por "falta de sintonia" e por ser "mal criada".

constatou-se o envolvimento de Natália com membros de alta periculosidade da facção. Segundo o MP, a mulher assumiu uma responsabilidade de liderança de "Geral da Fora do Ar", no quadro da Ala feminina da organização,

atuando em prol do grupo com práticas de estelionato ou "corres de cartão".

À época, a Defensoria Pública pediu a liberdade da acusada com as justificativas de que ela estava grávida e permitiu de ganhar bebê e por ser primária.

Na sexta, no sábado e no domingo, ela passou lá em casa, sempre no período da tarde. Ela pediu comida, leite para a criança e ajudamos todos esses dias, mas sem saber de nada"

Testemunha que acolheu Natália no Jardim Ingá

e determinou o uso da tornozeleira eletrônica. Na decisão, assinada em 2 de dezembro de 2020 pela juíza Ana Cláudia de Oliveira, a magistrada afirmou que não houve evidências de que a mulher integrasse ainda o PCC, uma vez que ela teria sido "advertida" pela facção por "falta de sintonia" e por ser "mal criada".

A Justiça, no entanto, revogou a prisão preventiva da ré e determinou o uso da tornozeleira eletrônica. Na decisão, assinada em 2 de dezembro de 2020 pela juíza Ana Cláudia de Oliveira, a magistrada afirmou que não houve evidências de que a mulher integrasse ainda o PCC, uma vez que ela teria sido "advertida" pela facção por "falta de sintonia" e por ser "mal criada".